

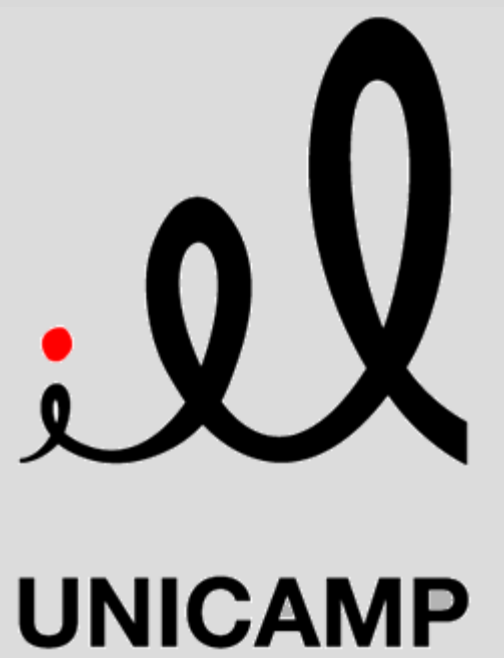
# INSTABILIDADE POLÍTICA E DISCURSO: A GREVE NA IMPRENSA DE 1985-1988

Sílvia Cabral Teresa e Mônica Graciela Zoppi-Fontana (Orientadora)



UNICAMP

IEL – INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
Agência financiadora: PIBIC - CNPq  
Palavras-Chave: Discurso – Greve – Imprensa  
[sct.silvia@gmail.com](mailto:sct.silvia@gmail.com)



UNICAMP

## Introdução

O Brasil passou por um período de instabilidade política e, conseqüentemente, legislativa, entre 1985 e 1988, quando houve, respectivamente, a queda dos militares do controle governamental e a promulgação da atual Constituição Federal. Dentro deste intervalo, muitas questões permaneceram obscuras do ponto de vista jurídico, sendo uma delas a questão da greve. A greve foi, até 1985, proibida oficialmente pela ditadura, mas só legitimada como direito em 1988. Nesse período, caracterizado por numerosos movimentos de demanda social e trabalhista, a grande mídia jornalística oscilava nos seus posicionamentos ideológicos em relação a esse tema. Esta pesquisa, então, intenta realizar uma dupla articulação: por um lado, combinar uma dimensão histórica e crítica e uma dimensão instrumental e positiva; por outro, articular os aspectos históricos e linguísticos no tratamento do discurso. Propusemo-nos, assim, a pensar discursivamente a prática jornalística, através de análise do discurso sobre greve presente nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil* – os periódicos de maior circulação na época; atentamos à representação dos sujeitos-autores e à linguagem como sujeita ao controle social e tal análise permitiu lançar nova luz às interpretações já realizadas sobre o tema por estudos desenvolvidos no campo da história, das ciências políticas e da sociologia.

## Metodologia

Baseando-se na teoria da Análise de Discurso, que considera o imbricamento constitutivo da materialidade lingüística e da materialidade histórica nos enunciados (análise norteadas pelo modo que se diz, quem diz, em que circunstâncias), a pesquisa construiu recortes discursivos, a partir do material bruto coletado (diversas matérias publicadas a respeito do tema 'greve' nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil* (1985-88)); após este procedimento de levantamento do corpus e de um estudo teórico aprofundado, buscamos analisar quais são as marcas, rastros e indícios do percurso do discurso jornalístico sobre greve nesse período de incertezas; por quais outros discursos ele é atravessado; quais os mecanismos utilizados pelo sujeito enunciativo; como esse discurso contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro. Mais especificamente, analisamos as condições de produção, a ideologia, a memória discursiva, o esquecimento, as formações imaginárias e a questão das denominações/definições; para além de tais focos, privilegiamos outros aspectos específicos da prática discursiva jornalística.



## Discussão

Por atuar ao mesmo tempo na esfera pública e privada, o jornal desempenha um papel singular na história, ele representa as práticas sociais de uma época. Trata-se não somente de aceitar que os meios de comunicação são agentes da estratégia de

dominação, mas também de introduzir a perspectiva de como o material veiculado serve de instrumento para o confronto com o universo cultural dos receptores, pois pudemos notar que cada leitura do cotidiano produzida por estes jornais corresponde à exclusão de parte da rede de pequenos e grandes acontecimentos que compõem a história de uma formação social, já que eles enunciam de um lugar historicamente constituído e o fazem em nome de determinados segmentos da sociedade, ou seja, o tempo todo estão submetido às injunções das relações de poder vigentes e predominantes, no caso as de um governo recém saído de uma ditadura e por isso ainda com fortes resquícios político-econômicos de um regime endurecido.

Notamos em todos os fragmentos estudados que o enunciativo do jornal se inscreve numa formação discursiva totalmente contrária às greves – essa formação discursiva, ao enfatizar os transtornos causados pelas paralisações e os prejuízos que (segundo sua interpretação) decaem sob a sociedade, além de denegrir a imagem dos participantes dos movimentos, e não considerar as reivindicações e a pauta econômico-social envolvida, minimiza a discussão política e procura não apenas reformular o acontecimento histórico, mas principalmente deslegitimar seu papel e o dos que dele participaram.

É o processo discursivo que permite que os sentidos se somem e se filiem, de forma quase imperceptível (às vezes pela crítica nítida, às vezes sutilmente disfarçada), e contribuam para sua cristalização; coube, então, nos perguntar: quais as condições de emergência do sentido de, por exemplo, “grevistas” e “piqueteiros” nos discursos dessa mídia? Ou: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? Pois esses sentidos tem a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Assim, é preciso situar a observação desse “fio vertical” do discurso sobre uma multiplicidade de enunciados desnivelados e numa pluralidade de funcionamentos sintáticos, pois destaca-se no corpus não só a naturalidade com a qual a diferença social é tratada, como também a percepção do espaço público como um lugar regido por leis opressivas.

## Conclusão

Considerando que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social, mas que funcionam como uma rede de mecanismos a que nada ou ninguém escapa, verificamos que os jornais impressos se servem de autoridades de diversos tipos para moldar, instrumentalizar e normalizar sua conduta, sendo que o poder, geralmente o do governo, é então exercido de modo mais sutil.

Neste tipo particular de discurso, pudemos observar um processo não apenas de anulação, apagamento, deslocamento, mas principalmente de (in)significação, isto é, um gesto de interpretação que procurou interditar a ação política dos militantes que se opuseram à lei oficial de greve.

Com base em nosso estudo sócio-histórico do Brasil, acreditamos que os males desses periódicos, e da imprensa em geral, sejam sobretudo o elitismo e a concentração, e o maior problema de todos a sua vinculação com o poder – daí a importância de o analista do discurso se debruçar sobre questões éticas e críticas da mídia em sua atuação no campo político.

